

Conversaciones entre mujeres trabajadoras de la educación no docentes de la Universidade Federal do Rio Grande – FURG

NEY, Lilian da Silva / Universidad Nacional de Rosario – UNR / Universidade Federal do Rio Grande - FURG - liliansney@gmail.com

DORNELES, Aline Machado / Universidade Federal do Rio Grande - FURG lidorneles26@gmail.com

Eje: Construcción de conocimientos y saberes

Tipo de trabajo: ponencia

^a *Palabras claves: mujeres trabajadoras en educación no docentes - conversación – narrativa – experiencia –*

> Resumen

Con este texto se presenta algunas notas sobre los caminos recorridos por mi investigación doctoral, que trata de los sabereshaceres educativos de las mujeres trabajadoras de la educación que no ejercen la docencia en la Universidad Federal de Río Grande - FURG. Esta investigación surge de la inquietud provocada por y en las relaciones profesionales, por la urgencia de escuchar, reconocer y documentar nuestras narrativas profesionales y vitales, en un ejercicio de reflexión y compromiso ético, estético, político y poético, con lo que me cuentan, con lo que escribo, asumiendo una postura pedagógica crítica y creativa. Es una investigación que se desarrolla en la cotidianidad académica y en el saberhacer de estas mujeres y que tiene en las conversaciones un poderoso instrumento de reflexión, como posibilidad de alimentar la pregunta, de compartir conocimientos y logros, preocupaciones comunes y singulares, en una red discursiva de tramas, puntos y nudos que se entrelazan, legitimando las relaciones entre las participantes de la investigación. Preguntas como: ¿Cómo podría entender la complejidad de la vida cotidiana educativa en el contexto de la universidad si me mantuviera a distancia sólo observando, preferiblemente con las anteojeras puestas, limitando mi visión, evitando las distracciones, los asombros, impidiendo los cambios de dirección? Esta pregunta inicial me llevó al problema de investigación, a indagar cómo los conocimientos y experiencias narrados por las trabajadoras de la educación pueden constituir otras formas de explorar las posibilidades de reflexionar sobre nuestras acciones cotidianas como movimiento de lucha y empoderamiento. Así, para investigar narrativamente las experiencias vitales y profesionales de estas mujeres, opté

por la escritura y por la escucha atenta y amorosa de las conversaciones como acción dialógica, en una perspectiva en la que nos reconocemos como sujetos de conocimiento, de saber, de escucha y de habla, de extrañamiento, de reflexiones y resignificaciones.

› ***Contexto da investigação: o narrar de uma educadora em constante transformação***

Com fios da memória
Teci um poema
E o nomeei
Vida!

Uma conversa... mais do que uma metodologia, este texto é um convite à conversa como provocação a pensar outras possibilidades sobre e com as nossas práticas pedagógicas nos cotidianos da universidade. Parto da minha própria experiência como agente educacional desde os anos de 2003 até 2013 nas escolas de educação básica na cidade de Rio Grande – RS, no Brasil e depois de 2013 até o presente momento de escrita dessa narrativa, trabalhando como Técnica Administrativa em Educação na Universidade Federal do Rio Grande – FURG para contar de como cheguei até esse espaço-tempo da pesquisa.

Sou uma escritora de prosa e poesia. Escrita-empoderamento. Uma escrita de enfrentamento às opressões, às violências, às desigualdades, às injustiças, em um movimento de desconstrução e reconstrução, uma forma potente de interagir com a realidade vivida, de experimentações e invenções que não tem a pretensão de uma verdade, mas de “verdades-grávidas” que se retroalimentam das pluralidades e subjetividades vivenciadas nos nossos cotidianos.

Compreendo que somos constituídas pelas narrativas sociais e culturais e que cada uma de nós, por sermos seres únicos e singulares, temos nossas próprias histórias, aposto nestas narrativas que nos contam, que dizem de nós, que nos levam aos lugares de nossas experiências, às nossas memórias e, nesse recontar nossas experiências vividas, possamos pensar e refletir nossos devires, não no sentido de um futuro, mas como movimento permanente de transformação e mudanças.

O que essas narrativas contam da nossa compreensão da condição humana? Que traços carregam da nossa visão de mundo? O que contam as múltiplas vozes? Os textos contam histórias de vida, histórias permeadas pelo eu e pelo outro e nos fazem (re)pensar o nosso lugar e o do outro.

Escrita como prática da liberdade (hooks¹, 2017), como ato de transgressão, de luta contra a dominação e os atos injustos de poder. Narrativas que vou recriando por meio de relações da memória, as experiências de criança, da adolescência, dos primeiros dias de trabalho e da sensação de me aventurar por um caminho ainda incerto como pesquisadora narrativa.

Tecer narrativas grávidas de memórias, grávidas das gentes que vieram antes de mim, da minha avó, da minha mãe, de ancestralidades, de saberes e dizeres, individuais e coletivos. Tomo emprestado a fala do querido Eduardo Galeano, em sua vivência com os índios do Novo México: “a *narradora*, a que conta a memória, coletiva, está *toda* brotada de pessoinhas” (2002, s/p – grifos meus).

Enquanto escrevo esses fragmentos de histórias impregnados de memórias e lembranças, penso nos tantos silenciamentos impostos a nós, mulheres e nas leituras que o Doutorado tem me proporcionado e com os quais tenho refletido sobre minha prática profissional, minha formação, minhas lutas, meus gritos de resistência.

Assim, na perspectiva de lutar e questionar o “assim das coisas”, de discutir sobre estes lugares de subalternização e invisibilidades, de não me calar diante das violências, de acreditar que somos seres em constante transformação, e principalmente, de que não é apenas um “Eu”, mas um “Nós” que vivemos experiências comuns e singulares, que é sobre nós e nossas rotinas que essa investigação caminha.

Considero importante compartilhar as histórias e as experiências vivenciadas nas diferentes linguagens, dos sonhos, dos desejos, da infância e da criança que ainda me habitam, e da mulher que me tornei, e de como é ser mãe em um mundo tão conturbado, e de como é preciso lutar todos os dias, contra as estruturas racistas e patriarcais que sujeitam nossos corpos a todo tipo de violência, presentes na agressão física, moral, sexual, psicológica, racial, como uma estratégia de resistência, de incomodar, de desacomodar, de lutar, de mudar a realidade estabelecida, é uma construção narrativa autobiográfica com assinatura própria, sem a pretensão de verossimilhança, mas de uma narrativa plausível.

Assim, o que se desenha é pensar a minha prática e a das minhas colegas/amigas/companheiras como processo formativo e reflexivo e que nossos narrados se constituam em diálogos-experiências, um processo reflexivo e dialógico com os nossos cotidianos e que passam, de acordo com Suárez (2019), a ser significadas na reflexão sobre a prática pedagógica, desde uma

¹ A escritora usava o nome bell hooks em minúscula para enfatizar a importância de sua obra e não quem ela era.

perspectiva de uma política de sentido, de conhecimentos onde o ético, o estético e o político-social são indissociáveis.

Algumas tensões brotaram neste entremeio temporal. Por onde começar a pesquisa e o que pesquisar? Com Clandinin e Connelly (2015, p. 73), compreendi “que pesquisadores narrativos tendem a começar com a experiência assim como é expressa em histórias vividas e contadas”. As minhas histórias vividas e contadas me trouxeram até aqui. Histórias de vidas corporais² que falam desde o interior de si mesmas. Lembranças da infância, da adolescência, da maternidade, das lutas e das minhas atividades laborais, narrativas autobiográficas compreendidas como um processo de aprendizagem para se pensar narrativamente.

Provocada por esses questionamentos e o comprometimento de estar e pensar juntas, buscando na conversa uma ação dialógica que se alimenta da/na palavra, potencializando esses encontros desde princípios éticos, na medida em que respeitam a visão de mundo das praticantes da pesquisa, estéticos, pois compreendem um estilo próprio de escrita e políticos, uma vez que respeitam os processos de subjetivação e empoderamento pessoal e coletivo, foi possível eleger entre tantas perguntas aquelas que me ajudaram a delinear um tema, um objetivo, um comprometimento com a pesquisa.

Costuras e descosturas – cerzindo narrativas: um processo metodológico

Contar da minha atuação como trabalhadora em educação não docente, as vivências na educação básica e na universidade e de como fui percebendo esse lugar como um lugar secundário, de invisibilidade, muito mais de cuidado e serviço do que de educação no seu sentido mais amplo, que abrange os princípios éticos, estéticos, políticos, poéticos, metodológicos, teóricos... e de como eu chego na pesquisa polinizada pelas narrativas possibilitadas pela memória.

Uma colega certa vez relatou que o trabalho dela era “o de fazer o que me mandam, não sou paga para pensar, mas para executar as ordens”, ela me contava. Ao mesmo tempo em que eu lutava para ser reconhecida como educadora, ela se mostrava uma trabalhadora que apenas segue ordens, não questiona o seu fazer.

² Inspirada em pesquisadoras/es vinculadas/os ao campo dos estudos com os cotidianos, assumo a união de termos considerados dicotômicos pela ciência moderna, considerando a indissociabilidade entre eles, desde a perspectiva da epistemologia da complexidade.

Logo que ingressei na FURG, fui submetida a esse lugar de invisibilidade, de silenciamento. Sempre fui muito brincalhona, expansiva, falo alto, e por isso, os cargos de direção, mesmo que temporários ou em substituição da titular me eram negados. Era preciso fazer apenas o meu trabalho. Pensar, discutir, refletir sobre o meu fazer, pareciam não ser bem vindos.

Muitas e muitos de nós nos adaptamos, por comodidade, submissão ou opressão às normas instituídas verticalmente. E, uma dessas normas é não pensar como alerta Freire (2005), como forma de dominação, de poder. Ou quem sabe, um pensar anestesiado, no qual os sentidos permanecem adormecidos e, por isso, não são vividos inteiramente. Nesse sentido, o pensar com, é imprescindível e urgente, é um pensar para a liberdade, assim como é o educar como prática da liberdade de que falam Paulo Freire e bell hooks.

Em outra ocasião, por não exercer a docência, fui questionada sobre a importância de fazer uma pós-graduação. Será que educar se limita apenas a uma classe específica? O fazer das técnicas e dos técnicos administrativos/os em educação não são considerados um processo pedagógico, dialógico, que potencializam nossas práticas individuais e coletivas? Ainda mais, por que nossas histórias compartilhadas não podem ser consideradas legítimas? Será que ainda estamos tão impregnados da cegueira epistemológica, hegemônica e patriarcal que não somos capazes de tecer outras narrativas além daquelas que sempre fizeram parte do “assim das coisas”?

Essa experiência memorialística me leva até meu problema de pesquisa, permeada pelas experiências (Larrosa, 2011) que me constituem, que me afetam de maneira significativa, e com as quais abro meus olhos, meus ouvidos, meus braços, meus sentidos e percebo outras formas de atuar, de educar, de escutar, de enxergar, de sentir e de viver.

Tenho na escrita um potencial para denúncias, protestos, desabafos, afirmações, desejo, amor e dor e outros sentires que me acompanham e me constituem. Gosto de dizer que nem tudo o que escrevo é sobre mim, mas tudo o que escrevo está em mim, me constitui, é imagem em forma de palavras que observam, que contam, que escutam os silêncios e depois se derramam sobre o papel.

Inspirada por essa força que as palavras têm sobre mim e a minha vontade sempre pulsante de seguir estudando, mas quase nunca encontrando um programa que desse conta do meu olhar inquieto, da vontade de horizontes, de desejos de mostrar mais do que dizer, de me aventurar a ir a lugares que nunca pensara que pudesse estar, enfim, de entrar de ponta cabeça na narrativa e de

lá só sair quando estivesse saciada, até ser apresentada ao Programa Específico de Doctorado en Educación: Investigación Narrativa y (Auto) biográfica da Universidade Nacional de Rosário.

Estar num Programa de Doutorado é uma daquelas vontades que sempre rondaram meu imaginário. Os estudos são parte da minha vida que me dão muito prazer. E agora, estar no Doutorado é acontecimento. Um caminho que eu descobri em 2019, mas que na verdade iniciou muito antes de eu começar a trabalhar como Pedagoga na FURG.

Fui efetivada em 2013, após passar em um concurso público. Deixava para trás nove anos de convívio com estudantes da educação básica. Encerrava o ciclo como Agente Educacional - Interação com o Educando nas escolas de ensino fundamental e ensino médio. Foram muitos projetos pedagógicos pensados e instituídos. Havia uma maior cumplicidade entre mim e a equipe diretiva e o corpo docente. Mas, em algumas escolas por onde atuei, nem sempre foi assim. Se eu afirmava o meu lugar como educadora, talvez o cargo que ocupava permitia esse olhar sobre meu fazer, outras colegas trabalhadoras em educação, não dispunham da mesma prerrogativa. O lugar delas parecia não ser de educadoras, mas apenas de alguém que está destinada a subserviência.

Começava uma nova carreira, cheia de expectativas e inseguranças, e se eu não conseguir, eu me perguntava a maior parte do tempo, porque eu saía de um lugar seguro e de repente embarcava em alto mar num navio grande demais para se conhecer num só olhar. Deixava a educação básica e o convívio direto com estudantes e corpo docente e minhas colegas funcionárias de escola para um lugar mais administrativo.

Que lugar era esse? Que fazer administrativo era esse? Primeiro precisei construir esse novo lugar, como um lugar de pertença, no qual era também educadora, mesmo que estivesse atrás de um computador apertando botões, digitando editais, marcando reuniões... foi preciso olhar para minhas experiências vividas nas escolas de ensino fundamental e médio e ressignificar essas experiências.

Outras perguntas mais chegavam, conforme eu avançava nas leituras teóricas e metodológicas. Mas eu olhava para mim mesma enquanto mulher trabalhadora em educação e pensava sobre nossas narrativas como possibilidade de compor sentido as nossas experiências.

- O que narramos, enquanto mulheres trabalhadoras em educação sobre os movimentos de experimentação, criação e invenção profissional no cotidiano da instituição e como essas

histórias, enquanto produções discursivas do outro e de nós mesmas possibilitam a composição de sentidos dessas experiências?

- Como compreender esses modos de ver/sentir/ouvir/viver, tanto na nossa prática profissional como nas nossas próprias vidas, a partir de uma perspectiva interseccional, possibilitando reflexões sobre as situações sociais e políticas, no que tange as desigualdades infringidas a nós mulheres, profissionais, educadoras, técnicas, feministas?

- De que forma os encontros entre nós, mulheres trabalhadoras em educação, possibilitam viver a complexidade de nossas experiências e de nossas práticas, desvelando ideologias e práticas hegemônicas de abuso de poder, bem como os limites e as possibilidades de romper com essas posturas que nos empurram para lugares de subalternidade?

Essas possibilidades foram se transformando na minha pesquisa, nos caminhos investigativos de pensar e refletir sobre e com as experiências de vida e profissional de nós mulheres trabalhadoras em educação que habitamos os cotidianos de uma universidade federal brasileira.

Compreender os discursos e reflexões sobre empoderamento como ações necessárias para a garantia do reconhecimento das minorias é significativo e urgente, assim como, discutir possíveis táticas para que todas e todos possam realmente perceber-se sujeitos políticos e de direitos. Pensar como venho construindo os conhecimentos sobre o tema de investigação da minha pesquisa, que se insere nas tramas cotidianas, rizomas que se expandem, crescem pelo meio, me levou a algumas reflexões a respeito dessa temática.

Para Clandinin e Connelly, a narrativa é tanto fenômeno a ser investigado como método utilizado na investigação. Sua principal abordagem é o espaço tridimensional da investigação, no qual a temporalidade é uma dimensão, o individual e o social, outra, e o lugar, a terceira dimensão, visto que nessa metodologia o/a pesquisador/a está sempre se movimentando nesse espaço, em movimentos que se dão introspectivamente, extrospectivamente, retrospectivamente, prospectivamente e situado em um lugar (Clandinin; Connelly, 2015, p. 84).

É pela narrativa que compreendo a complexidade do ato de narrar a minha história de vida, compreendo que nessa história de vida, todas as outras histórias estão incluídas. Assim, a narrativa compreendida como um processo dialógico é um importante instrumento para a construção de conhecimentos, incluídos aí, as dimensões sociais, morais, políticas, emotivas. Tomo emprestado de bell hooks o desejo de se estar inteiros na sala de aula e trago para a

narrativa, estarmos de corpo, alma e desejo, impregnados de Eros ao nos contarmos e ao escutar o que o outro tem a nos dizer.

Estava no caminho certo. Partir das minhas histórias de vida, compreendida como uma abordagem que evidencia o sujeito que fala, que narra, aquilo que sente, aquilo que lhe passa, abrem possibilidades para que compreendamos os processos de identidade com os quais nos identificamos, nos apropriamos, nos tornamos naquilo que queremos ser, contribuem de maneira significativa para compreendermos o fenômeno investigado. Aquele terreno lodoso parecia cada dia menos obscuro e assustador. Empunhava minha espada, montava no meu cavalo branco e salvava a mim mesma da torre do castelo. Assumi a investigação narrativa a partir do olhar do eu/nós, do cotidiano, do existir pela escrita e pela escuta atenta e amorosa, das conversas como ação dialógica, tecendo uma rede de afetos que tem lutas e escolhas comuns, de solidariedade, de companheirismo, de alteridade, de subjetividades compartilhando saberes-fazeres que se manifestam de forma singular e coletiva nesse espaço-tempo.

Uma pesquisa, a qual traz em si o compartilhar das experiências, dos aprendizados, das vivências que não cabem em perguntas estruturadas, duras que se prestem a classificações. Nesse sentido, defendo a conversa como procedimento de pesquisa que se abre para o outro, que se dá no/com o outro, uma rede discursiva carregada de sentidos e significados, legitimando as relações entre os sujeitos da pesquisa, assumindo, a conversa (Ferraço, 2003) como prática transformadora dos sujeitos que dela participam.

A conversa é um potente dispositivo para nos contarmos. Contar das marcas que nos constituem, dos avessos bordados na pele, dos ecos de nossas ancestrais, do maravilhamento diante da vida. Encharcar-nos de Eros. Eu transbordo as páginas e trago para a vida essa força motivadora de Eros. Vidascorpos. Vida cotidiana que se reinventa todos os dias.

Nesse sentido, a conversa como metodologia de pesquisa é um convite a assumir o outro em uma dimensão de protagonista. Um movimento que se faz com a presença. Com o pensar do/com o outro.

A conversa compreendida como uma proposta metodológica mais profunda do que uma entrevista ou a recolha de narrativas sem a interação entre os sujeitos praticantes da pesquisa, principalmente quando se pretende pesquisar com os cotidianos. As rodas de conversa possibilitam a reflexão e a compreensão desse lugar de mulheres trabalhadoras em educação não

docentes no cotidiano da Universidade, reforçando o sentimento de pertença e identidade com a profissão.

Constantemente se ouve a expressão “dar voz” e “se colocar no lugar do outro”. A conversa teria essa característica. Porém, não se trata de “dar voz” nem de se “colocar no lugar do outro”. Ambos já existem no outro. O que a conversa habilita é, como nos conta Skliar (2018, p.13) “[...] tentar narrar esse lugar, torna-lo mais profundo, quiçá mais transparente. E seguirá sendo, sempre, “o lugar do outro”.

O mesmo vale para a “voz do outro”, o que a conversa proporciona e criar esse espaço de escuta. E para escutar é preciso silenciar nossa voz. Escutar como gesto ativo. Gesto ativo que implica estar na conversa de corpo inteiro, prestando atenção não só na palavra falada, mas a tudo ao seu redor, aos movimentos do corpo de quem as enuncia e, de quem, também escuta. Um escutar que provoca afetos. Ser uma “escutadeira feminista” (Diniz, 2022, p. 19) é um gesto ético, pois “ofereço-me em escuta para apreender a vida de outras mulheres para, junto a elas, reclamar o reconhecimento de suas vivências, suas necessidades, e seus direitos” (p.20).

Assim, a investigação, a conversa, o encontro, só pode acontecer com o outro, não um outro qualquer, mas o outro sujeito de seu próprio pensar, o outro praticante do cotidiano. E, também, não é um pensar descomprometido, mas um pensar que supõe o ato de pensar enquanto ação desse ato, e que, por sua vez, é ato de produção e transformação das nossas ideias, das nossas conversas, um pensar polinizante que se renova sempre.

› ***Primeiras costuras e reflexões da investigação***

Penso a escrita como poder de ordenar o mundo, de atribuir sentidos, de construir/divulgar uma visão autorizada de nós e do outro. Escritas secretas, negadas, censuradas. Escrita de si como forma de resistência. A escrita como ferramenta de conscientização, de elaboração de uma visão contra hegemônica. A escrita na formação e no desenvolvimento dos processos de empoderamento.

Também, pela narrativa percebermos como as práticas de poder hegemônico, patriarcal atravessam essas narrativas e como essas mesmas narrativas são veículos de denúncia, de afirmação do lugar que ocupamos, de rompimento com a subalternidade, na medida em que nos compreendemos educadoras.

Compreendendo a ideia de experiência como histórias vividas e narradas, invisto na pesquisa narrativa na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para

além de esquemas fechados, recortados, neutros, objetivos e quantificáveis. Por isso, a conversa, o encontro, a narrativa.

É apostar em outras formas de se fazer pesquisa que se pautam pela experiência da alteridade em relação ao outro; não sujeitos a serem pesquisados, mas pessoas que conosco trilham e criam os processos de pesquisa, protagonistas, co-autores de nossos textos e produções.

Pensar a escritura como poder para ordenar o mundo, atribuir significados, construir a visão que temos de nós mesmos e do outro, sobre os lugares de fala e de pertencimento. Escrever, como diz Osório (2006), para pensar outras formas de conversar, de se permitir deixar nossas experiências tomarem vida, escrever como ato inaugural.

O que quero dizer com ato inaugural, é que não transcrevemos letra a letra o que aconteceu, do que foi pensado ou até mesmo dito, mas inauguração do próprio pensar, iniciar outra conversa, outra aventura, outros caminhos.

Assim, busco costurar as minhas narrativas e as narrativas das mulheres que comigo constroem esse caminho, por onde posso retornar e seguir em frente, dobrar em qualquer esquina, adentrar nos escuros e poeirentos labirintos sem medo de me perder. Ou arriscar perder-me e voltando de lá reconstruir com as experiências do desconhecido outros caminhos.

Bibliografia

- Clandinin, D.J.; Connelly, F. M. (2015). *Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU.
- Diniz, D. (2022). *Esperança feminista*. Débora Diniz, Ivone Gebara. – 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ferraço, C. E. (2003). In: Garcia, Regina Leite Garcia. (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Freire, P. (1983). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Galeano, E. (2002). *O livro dos abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. - Porto Alegre: L&PM.
- Hooks, B.. (2017). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Skliar, C.. (2018). Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). En Ribeiro, T., Souza, R., & Sampaio, C. *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?*

Suárez, D. H. (2019). Leer relatos de docentes. In: Oliveira, A. D. de. (Coord.). Narrar e documentar: experiências de professores no ensino médio em território rural, (pp. 13-22). Curitiba: CRV.